



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**



015

**APELAÇÃO Nº:** 0123858-6  
**COMARCA:** CONDADO  
**VARA:** ÚNICA  
**APELANTE:** GENILDO CABRAL ZEFERINO  
**ADVOGADO:** DR. MARCOS AURÉLIO RODRIGUES  
MONTENEGRO  
**APELANTES:** MARCOS CABRAL DA SILVA e VALDIR  
PEREIRA DA SILVA  
**DEFENSORA PÚBLICA:** DRA. MARTA MARIA DE BRITO ALVES  
FREIRE  
**APELADO:** MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE  
PERNAMBUCO  
**PROCURADOR:** DRA. MARIA FRANCISCA DE MENDONÇA  
SILVA  
**ÓRGÃO JULGADOR:** TERCEIRA CÂMARA CRIMINAL  
**RELATOR:** DES. CLÁUDIO JEAN NOGUEIRA  
VIRGÍNIO

6482

**EMENTA: PENAL. PROCESSUAL PENAL. HOMICÍDIO DUPLAMENTE QUALIFICADO. CONDENÇÃO. PEDIDO DE ANULAÇÃO DA DECISÃO DOS JURADOS, POR MANIFESTA CONTRARIEDADE ÀS PROVAS DOS AUTOS. ADEQUAÇÃO DA DECISÃO ÀS PROVAS PRODUZIDAS. CONFISSÃO DOS APELANTES. INVEROSSIMILHANÇA DA TESE DE LEGÍTIMA DEFESA. APELAÇÃO DESPROVIDA. DECISÃO UNÂNIME.**

**I —** Densa é a carga probatória que justifica a condenação dos Apelantes, a começar por Marcos Cabral da Silva e Valdir Pereira da Silva, que confessaram a prática criminosa na esfera policial, perante o juiz monocrático e, ainda, diante do Conselho de Sentença, narrando, com riqueza de

*Cf.*  
8



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**



016

detalhes, o fato criminoso, chamando para si a autoria, bem como confirmando a coautoria de Genildo Cabral Zeferino.

**II** – Este último, de seu turno, embora tenha inicialmente negado qualquer participação no delito, confessou, durante a sessão de julgamento, haver praticado a conduta descrita na denúncia, afirmando que o fizera em legítima defesa, tese devidamente rechaçada pelo Tribunal Popular, por inverossímil, diante do acervo probatório dos autos.

**III** – Sendo as provas dos autos suficientes para a condenação, não merece guarida o argumento de que era imprescindível a produção de outras acerca da arma utilizada no crime ou a existência de testemunhas oculares.

**IV** – Negado provimento à apelação por unanimidade.

**ACÓRDÃO**

Vistos, relatados e discutidos os autos da Apelação Criminal nº **0123858-6**, em que figuram como partes as retromencionadas, **ACORDAM** os Excelentíssimos Senhores Desembargadores da Terceira Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco, por unanimidade de votos, **em negar provimento à apelação**, tudo de conformidade com o relatório e votos constantes das notas taquigráficas anexas, devidamente rubricadas, que passam a integrar o presente aresto, devidamente assinado.

Recife, 23 de 12 de 2009.

  
**Des. Presidente**

  
**Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**  
**Relator**



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**

017

**APELAÇÃO Nº:** 0123858-6  
**COMARCA:** CONDADO  
**VARA:** ÚNICA  
**APELANTE:** GENILDO CABRAL ZEFERINO  
**ADVOGADO:** DR. MARCOS AURÉLIO RODRIGUES MONTENEGRO  
**APELANTES:** MARCOS CABRAL DA SILVA e VALDIR PEREIRA DA SILVA  
**DEFENSORA PÚBLICA:** DRA. MARTA MARIA DE BRITO ALVES FREIRE  
**APELADO:** MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO  
**PROCURADOR:** DRA. MARIA FRANCISCA DE MENDONÇA SILVA  
**ÓRGÃO JULGADOR:** TERCEIRA CÂMARA CRIMINAL  
**RELATOR:** DES. CLÁUDIO JEAN NOGUEIRA VIRGÍNIO

**RELATÓRIO**

Cuida-se de apelação criminal interposta por **Genildo Cabral Zeferino**, de alcunha "Cutia", **Marcos Cabral da Silva** e **Valdir Pereira da Silva**, vulgo "Di", contra decisão do Tribunal do Júri que os condenou às penas do art. 121, § 2º, incisos II e IV, do Código Penal<sup>1</sup>, fixadas pelo juiz em 18 (dezoito) anos de reclusão, para cada um dos dois primeiros, e em 12 (doze) anos de reclusão, para o terceiro deles.

<sup>1</sup> Art 121. Matar alguém:

§ 2º Se o homicídio é cometido:

II - por motivo fútil;

IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;

Pena - reclusão, de doze a trinta anos.



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**

362  
018

Narra a inicial acusatória que, no dia 06 de agosto de 2002, por volta das 13:30 horas, no Engenho Tracunhaém, na cidade de Itaquitinga, os denunciados desferiram golpes de faca peixeira contra a pessoa de José Roberto da Silva, havendo-lhe provocado a morte.

Consta da denúncia, ainda, que o delito foi cometido sem qualquer motivo, quando a vítima retornava de uma farra juntamente com os acusados, ora Apelantes, e que o ofendido fora premeditadamente convidado para, em séguida, ser morto, sem condições de esboçar reação ao ato criminoso.

Uma vez proferida a sentença de pronúncia (**fls. 157/162**), submeteram-se os Recorrentes a júri, o qual, consoante questionários e termos de julgamento de **fls. 213/221**, decidiu condená-los pela prática de homicídio duplamente qualificado (motivo fútil e recurso que impossibilitou a defesa da vítima), havendo reconhecido, ainda, a atenuante da confissão para os três condenados.

Inconformado com a decisão final do Conselho de Sentença, recorre Genildo Cabral Zeferino às **fls. 236/238**, sustentando que os jurados prolataram julgamento em manifesta contrariedade às provas dos autos (art. 593, inciso III, alínea *d*, do Código de Processo Penal), pois não acataram sua tese de legítima defesa.

Já os Apelantes Marcos Cabrai da Silva e Valdir Pereira da Silva ofereceram suas razões recursais às **fls. 268/272**, também alegando que a decisão do júri é manifestamente contrária às provas dos autos, sob o



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**

363  
AW  
019

fundamento de que não há qualquer prova em desfavor dos Recorrentes além de sua confissão, notadamente porque não foram produzidas provas robustas acerca das pretensas armas do crime e porque não há testemunhas oculares.

Por seu turno, aduz o *Parquet*, em suas contrarrazões recursais (fls. 275/279 e 280/283), que a decisão dos jurados foi proferida em conformidade com as provas dos autos e que a reprimenda final foi aplicada em total respeito aos critérios estabelecidos pelos arts. 59 e 68 da Lei Substantiva Penal.

Alfim, a Procuradoria de Justiça, por **Sua Exa. a Procuradora Maria Francisca de Mendonça Silva**, apresentou parecer às fls. 357/358, opinando pelo desprovimento do recurso.

É o relatório.

À douta revisão.

Recife, 10 de 12 de 2009.

  
**Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**  
**Relator**



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**



020

**APELAÇÃO Nº:** 0123858-6  
**COMARCA:** CONDADO  
**VARA:** ÚNICA  
**APELANTE:** GENILDO CABRAL ZEFERINO  
**ADVOGADO:** DR. MARCOS AURÉLIO RODRIGUES MONTENEGRO  
**APELANTES:** MARCOS CABRAL DA SILVA e VALDIR PEREIRA DA SILVA  
**DEFENSORA PÚBLICA:** DRA. MARTA MARIA DE BRITO ALVES FREIRE  
**APELADO:** MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO  
**PROCURADOR:** DRA. MARIA FRANCISCA DE MENDONÇA SILVA  
**ÓRGÃO JULGADOR:** TERCEIRA CÂMARA CRIMINAL  
**RELATOR:** DES. CLAUDIO JEAN NOGUEIRA VIRGÍNIO

**VOTO**

Considerando-se que ambos os recursos interpostos versam matérias semelhantes, a saber, a contrariedade ou não da decisão do júri às provas que instruem os presentes autos, passo a apreciá-los em conjunto.

Como é cediço, a decisão prolatada pelo Conselho de Sentença somente deve ser anulada com base no art. 593, inciso III, alínea d, do CPP, quando nenhum arrimo encontrar nas provas dos autos, isto é, quando forem nítidas a arbitrariedade e a falta de lógica das conclusões formadas diante de tudo quanto foi apresentado ao júri, de modo a configurar um desvirtuamento de sua função judicante.

ef.



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**



*In casu*, não há como se sustentar que a versão do Ministério Público, acolhida ao final pelos jurados, é inverossímil e que se dissocia integralmente do acervo probatório que dos autos consta, haja vista existirem elementos mais que suficientes para o convencimento do Tribunal Leigo.

De início, perceba-se que a materialidade delitiva restou devidamente demonstrada, consoante certidão de óbito de fl. 10, bem como laudo de perícia tanatoscópica e fotografias de fls. 43/45.

Quanto à autoria, densa é a carga probatória que justifica a condenação dos ora Apelantes, a começar por Marcos Cabral da Silva e Valdir Pereira da Silva, que confessaram a prática criminosa na esfera policial (fls. 13/18), perante o juiz monocrático (fls. 76/78) e, ainda, diante do Conselho de Sentença (fls. 203/209).

Ressalte-se que, nas três oportunidades, ambos os Recorrentes narraram, com riqueza de detalhes, o fato criminoso, chamando para si a autoria, bem como confirmando a coautoria de Genildo Cabral Zeferino.

Este último, de seu turno, traiu de negar qualquer participação no delito, tanto durante o inquérito (fls. 28/30) quanto na fase judicial anterior à pronúncia (fls. 75/76), oportunidades em que atribuiu a autoria apenas aos outros dois Apelantes.

Sua versão, todavia, caiu por terra quando da sessão de julgamento, tendo em vista que o Recorrente Genildo finalmente confessou haver praticado a conduta descrita na denúncia, afirmando que o fizera em



**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**



022

legítima defesa, porque a vítima teria agredido Marcos com uma faca peixeira.

No entanto, tal excludente de ilicitude, que o Apelante Genildo espera ver reconhecida nesta Corte, foi devidamente rechaçada pelo Tribunal Popular, por uma gama extensa de motivos, senão vejamos.

Primeiramente, disse ele, à fl. 211, que distorcera "o interrogatório feito na primeira fase dos presentes autos porque estaria agoniado", o que parece no mínimo estranho, pois não apresentou a causa da referida agonia.

Em segundo lugar, contou que dera uma facada na vítima depois de os outros dois haverem-na golpeado, quando esta já estava caída ao chão. Ora, não há como se sustentar uma tese de legítima defesa nessas circunstâncias: ofendido brigando com três pessoas, já no chão, após sofrer um golpe de faca peixeira na região do pescoço.

Afirmou, outrossim, com o nítido intuito de ludibriar os jurados, que agira "para defender a vida dos acusados que são seus amigos" (fl. 211), ao passo que, à fl. 75, declarou apenas conhecer os outros dois réus, sem ser amigo ou inimigo deles.

Por derradeiro, disse, à fl. 212, que "a vítima teria sofrido apenas três facadas", afirmação que se mostra claramente falsa, se confrontada com o laudo da perícia tanatoscópica, mediante a qual foram constatadas 19 (dezenove) lesões perfuro-incisas.

ef.





**Poder Judiciário**  
**Tribunal de Justiça de Pernambuco**  
**Gab. Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**



023

Não bastante, declarou a genitora da vítima, à fl. 37, que, um dia após o sepultamento, Genildo esteve em sua residência "e lhe falou tudo aquilo que ocorreu naquela manhã e tarde e que culminou com o assassinato de seu filho".

Assim sendo, provadas a materialidade e a autoria quanto aos três Recorrentes, bem como afastada a tese de legítima defesa, forçoso é concluir que o Conselho de Sentença decidiu em perfeita consonância com as provas dos autos. E, sendo estas suficientes para a condenação, não merece guarida o argumento da defesa de que era imprescindível a produção de outras acerca da arma utilizada no crime ou a existência de testemunhas oculares.

Quanto às penas aplicadas aos Apelantes, ressalte-se que o douto Juiz *a quo* seguiu com correção as diretrizes que norteiam a dosimetria da reprimenda, desde a fixação da pena-base até a consideração da circunstância atenuante, nada havendo que reformar na sentença vergastada.

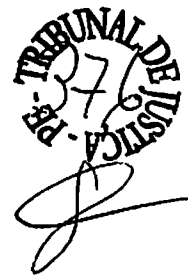
Diante do exposto, **voto negando provimento à apelação.**

Recife, 23 de 12 de 2009.

  
**Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio**  
**Relator**



**PODER JUDICIÁRIO**  
**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO**  
**Gabinete Desembargador Nivaldo Mulatinho Filho**  
**Terceira Câmara Criminal**



APELAÇÃO CRIMINAL Nº: 0123858-6  
COMARCA : Condado - Vara Única  
APELANTE : Genildo Cabral Zeferino, Marcos Cabral  
da Silva e Valdir Pereira da Silva  
APELADO : Ministério Público  
RELATOR : Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio  
REVISOR : Des. Nivaldo Mulatinho Filho

VOTO DO REVISOR

Trata-se de Recurso de Apelação interposto por **Genildo Cabral Zeferino, Marcos Cabral da Silva e Valdir Pereira da Silva** (fls.237/238 e fls. 268/272), contra decisão proveniente do Tribunal do Júri da Comarca de Condado, que **CONDENOU** os acusados, ora recorrentes, **a pena de 18 (dezoito) anos para os dois primeiros e de 12 (doze) anos para o terceiro** nos termos do **Artigo 121, §2º, incisos II e IV, do Código Penal**.

Narra a denúncia que no dia 06 de agosto de 2002, por volta das 13:30 horas, no Engenho Tracunhaém, na Cidade de Itaquitanga, houve o assassinato de José Roberto da Silva a golpes de faca peixeira que lhe causaram as lesões que por sua natureza e sede causaram a morte da vítima. Os acusados confessaram que a ação criminosa foi perpetrada sem qualquer motivo, quando José Roberto da Silva a juntamente com os acusados, retornavam de uma farra, tendo sido, a vítima, premeditadamente, convidada pelos assassinos para ser alvo do evento delitivo em comento, sem dar qualquer condição de reação a vítima.

Nas razões da Defesa de **GENILDO CABRAL ZEFERINO** (fls. 236/238) requer a reforma da sentença remetendo o referido recorrente a novo julgamento por ter a



**PODER JUDICIÁRIO**  
**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO**  
**Gabinete Desembargador Nivaldo Mulatinho Filho**  
**Terceira Câmara Criminal**



025

decisão do Corpo de Sentença contrariado provas existentes nos autos.

A Defesa dos apelantes **MARCOS CABRAL DA SILVA E VALDIR PEREIRA DA SILVA** (fls. 268/272), também aduz pela anulação do julgamento submetendo os acusados a novo júri, por ter a decisão dos jurados contrariados provas constantes dos autos.

O Representante do Ministério Público em contrarrazões (fls. 275/279 e 280/283) é pelo improvimento do recurso por entender que a decisão do Júri Popular está de acordo com as provas colhidas na fase instrutória não merecendo a sentença qualquer reforma.

Nesta instância, a douta Procuradoria de Justiça (fls. 357/358), pugna desprovimento dos recursos.

Diante da pretensão da parte apelante necessário se faz ressaltar que a anulação do julgamento proferido pelo Tribunal do Júri, conforme preceitua o art. 593, III, "d", do CPP, só é possível na hipótese em que a decisão resta manifestamente dissociada do conjunto probatório carreado aos autos, tendo em vista a soberania constitucional dos julgados do Conselho de Sentença, como resguardado no texto da CF (art. 5º, XXXVIII, "c").

Observo, de logo, que restou provada a materialidade do fato delituoso descrito na denúncia, consoante a Perícia Tanatoscópica e fotografias (fls. 43/45) e Certidão de Óbito (fls. 10).

Com relação à autoria do crime, constato que os acusados **MARCOS CABRAL DA SILVA e VALDIR PEREIRA DA SILVA**, confessaram com riqueza de detalhes a prática



PODER JUDICIÁRIO  
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO  
Gabinete Desembargador Nivaldo Mulatinho Filho  
Terceira Câmara Criminal



026

delituosa, perante as Autoridades Policiais, e a mantiveram em juízo (fls.76/78) e perante o Conselho de Sentença (fls.203/209), bem como confirmaram a coautoria do recorrente **GENILDO CABRAL ZEFERINO**, este, negou, durante o Inquérito Policial (fls. 28/30) bem como na fase judicial (75/76), ter participado do crime, atribuindo a autoria do delito aos outros acusados.

Ocorre que, perante o Corpo de Jurados, **GENILDO CABRAL ZEFERINO** se retratou das referidas declarações e confessou a prática delitiva e alegou ter agido em legítima defesa, pois a vítima teria lesionado Marcos com uma faca.

Não há nos autos prova, capaz de amparar a tese de legítima defesa sustentada pelo recorrente, pois apesar de alegar "ter agido em defesa da vida dos acusados" (fls.211), essa sua afirmativa destoa das demais informações trazidas em seu interrogatório senão vejamos:

"(...). Que na briga quando retornavam do rio Marcos foi agredido pela vítima. Que o acusado Marcos conseguiu tomar a faca da vítima. Que os demais acusados também partiram para cima da vítima. Que distorceu o interrogatório feito na primeira fase dos presentes autos porque estaria agoniado. Que o acusado Marcos Cabral desferiu um golpe de faca peixeira na vítima. Que a facada dada pelo acusado Marcos na vítima foi aplicada na base do pescoço, no sentido de cima para baixo. Que o interrogado e o outro acusado também desferiram golpes de peixeiradas na vítima. Que tal intento foi para poder se defender, uma vez que a vítima havia cortado Marcos Cabral. Que o interrogado e Valdir Pereira aplicaram apenas um golpe de faca peixeira na barriga da vítima. Que o interrogado aplicou o golpe de faca peixeira na barriga da



PODER JUDICIÁRIO  
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO  
Gabinete Desembargador Nivaldo Mulatinho Filho  
Terceira Câmara Criminal



027

vítima, quando esta já estava caída no chão.  
(...)"

Apesar do apelado tentar justificar sua conduta agressiva em uma possível animosidade momentânea em relação a vítima, e querer passar a idéia de que só pretendia defender seu amigo de uma agressão do ofendido; tal afirmativa é incompatível com sua atitude de desferir golpe de faca peixeira contra pessoa que já se encontrava alvejada e caída no chão, apresentando, assim, indícios de uma postura voltada para atentar contra a vida da vítima.

Ademais, consta nos autos depoimentos (fls. 102/103 e 106/107) que favorecem a visualização de indícios que apontam os apelantes como autores do homicídio, contrariando a versão apresentada pelas defesas, que restou isolada do conjunto probatório colhido.

Portantó, há nos autos elementos probatórios que subsidiam a decisão tomada pelo Corpo de jurados e este é soberano para escolher dentre as teses que são postas à sua apreciação, e diante do presente processo primou pela tese levantada pela acusação, vindo, por isso, a CONDENAR os recorrentes, não havendo dissonância entre as provas acostadas aos autos em relação à decisão do Conselho de Sentença, não caracterizando condenação em *error in judicando* ou arbitrariedade do corpo de jurados, o que impede o acolhimento da pretensão deduzida no presente apelo.

Nesse sentido assim tem se posicionado o STJ:

HABEAS CORPUS. PROCESSO PENAL. HOMICÍDIO  
QUALIFICADO. CONDENÇÃO PELO TRIBUNAL DO JÚRI.  
APELAÇÃO DA DEFESA. DECISÃO MANIFESTAMENTE  
CONTRÁRIA À PROVA DOS AUTOS. INOCORRÊNCIA. OPÇÃO



**PODER JUDICIÁRIO**  
**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO**  
**Gabinete Desembargador Nivaldo Mulatinho Filho**  
**Terceira Câmara Criminal**

TRIBUNAL DE JUSTIÇA  
DE PERNAMBUCO

028

DOS JURADOS PELA TESE ACUSATÓRIA QUE ENCONTRA AMPARO NO CONJUNTO PROBATÓRIO. SOBERANIA DOS VEREDICTOS. CONSTRANGIMENTO ILEGAL INEXISTENTE.

1. Não há falar em decisão contrária à prova dos autos quando, diante de duas versões que se contrapõem, os jurados optam por uma delas, desde que a tese eleita esteja amparada em provas carreadas nos autos.
2. No caso, os jurados se convenceram da tese aventada pela acusação, que, por sua vez, possuía fundamento nas provas colhidas ao longo de toda a instrução processual, de forma que, entender pela nulidade da referida decisão plenária, consistiria em inegável afronta à soberania dos veredictos proferidos pelo Tribunal do Júri.
3. Petição recebida como habeas corpus. Ordem denegada.

(Pet 6.736/SP, Rel. Ministro OG FERNANDES, SEXTA TURMA, julgado em 01/10/2009, DJe 19/10/2009)

Por fim, quanto às penas aplicadas aos apelantes, observo que não merece reparo pois o Juiz Sentenciante as fixou em patamar recomendado, dentro dos princípios da legalidade e da proporcionalidade, assinados nos arts. 59 e 68, ambos do CP.

Assim, em consonância com o parecer da douta Procuradoria de Justiça Criminal, **nego provimento aos recursos.**

Recife, 23 de dezembro

de 2009.

Des. Nivaldo Mulatinho Filho - Revisor